

Ismael Coutinho

Ismael Coutinho

- 1922 -

O proletário

Hontem eu vi-o. Tinha no seu semblante
A pallidez de quem a vida passa
A lutar contra os golpes da desgraça,
Da fome exposto ao gladio horripilante.

Deixa a cabana apenas no levante
Sem clareando o dia. A fome esulaca
É de manhã à noite na carcaca
Soffre do sol o beijo estirivante.

Hoje ha lá pela casa qualquer coisa...
~~Proletário~~ o pobrecinho poisa
A encxada sobre o hombro e vai, chorando...

Heje no pranto a maque que o consome:
Pois deixa os filhos lá quem com fome
É a esposa sobre o beijo agonisando.

-Viteroi, 3-5-922.

O mendigo

Oh! doe a esmola a quem, no mundo, a sorte
Só tem na bocca rios de escarninho,

Oh! doe ao pobre o capitoso vinho,
Que nesta vida a sua dor conforte;

Oh! doe-a a quem do vento ao sopro forte
Da desgraça que o punge, abrolho, espinho
Nai encontrando sempre em seu caminho,
Até que delle se apiede a morte.

Oh! almas caridosas, sem abrigo
Si nas ruas achardes um mendigo
Largando a moeda e os soffrimentos seus...

Compaixão para o misero infeliz,
Applicae-lhe um remedio a cicatriz:
Doe-lhe uma esmola pelo amor de Deus

Niteroi, 7-5-922

A esmola

A esmola é rocío que do céu é flue,
Derre a leuir, do que mendiga, a fome,
É incenso que no ar accende e some,
É vai beijar as faces de Jesus.

É sublime ambrosia que seduz,
O misero que lagrimas sem nome
Haurindo na vai na pena que o consome,
Pois que em vertel as sua dor seduz...

Oh! ricos da fortuna, dae a esmola,
Por pequena que seja, ella consola
Do desgraçado a languetia singular;

Tanto mais útil e em bencaus se desdobra,
Quando a direita um beneficio obra
É mãos sabe a esquerda auxiliar.

Niteroi, 8-5-922

Gratidão

5

Jeus, quando saim a pregar a doutrina,
Eun fulge como o sol que os ares illumina,
Traça de ouro que rasga e atravessa a folha
Onde megera o mal e que accende a virtude,
Amigo se mostrou das miseras creanças
E escolheu com carinho esas pombinhas moças.
Como não ha de estar o Mestre satisfeito
C'ôa sublime missão que tomastes a peito
De instruir, ensinar a infancia devalida
A escalar da sciencia a ingreme subida!
Como não bendirá o onçigo Nazareu
Esta alma sociedade onde o pobre e o pequeno
Amparo sempre têm e bursola que os guia
E ensino salutar e o pão de cada dia!
Bendito apostolado! Arvore sacrosanto!
Eun tanto nos arrouba, enteva, e nos encanta,
Nauida sob a sombra augusta e protectora
Da princeza Izabel — a santa Redemptora,
Junto ao zelo seu par que os tropeços aplanava
Dessa alma de escil que foi Ferreira Vianna.

8

Arde-nos hoje a peito em justa commoção
Porque só n'elle fala a immensa gratidão
Devida unicamente aos sentimentos nobres
Com que sempre acolheis os creancinhas pobres.

Niteroy - Agosto

Rosa e borboleta

Rosa

Como eu quizera ser passarinho!
Fugir da terra aos escólios
Abranger o mundo inteiro
Num simples volver de olhos!

Deu-me de rosa a existencia
A mão do divino estheta,
Mas como alegre a Troiana
Pela sua borboleta!

Borboleta

Quando Deus creou os seres
Abriu bem o que fez sobre,
Mas ninguém ficou contente
Com a sorte que lhe coube.

Eu, por exemplo, te invejo,
Flôr miúsa em verde galho,
Onde já moro em leito brando
Calmamente dormo o ovalho.

Rosa

Sempre e sempre o mesmo aspecto,
O mesmo canteiro e fonte...
E quem me dera ver mudado
O meu em outro horizonte!

Borboleta, que a beleza
Do insecto à da flor tu casas,
Amiguinha, por instantes
Empresta-me as tuas azas.

Borboleta

A emprestar-las não me esquivo,
Recebe-as e em ti as colla.
Assim terás minhas azas,
Eu terei tua corolla.

E quem preza a vil borboleta?
Embora curta e viscosa?
Encanto de muitos olhos
Na terra é somente a rosa.

Esta a delicia da cor
A' do olfacto em si resume;
A borboleta do campo
E' rosa sem ter perfume.

Rosa

O mundo e' vao julgador.
Tuas graças não temulo.
Comparando-me contigo,
Sou borboleta em casulo.

Que pois vale a formosura,
Coisa que em mim não apuro.
Si muitas vez sou colhida
Para ornar um peito impuro?

Borboleta

Amiga, do pão que ingeres
A procura não te aberra
Ao pé de si tens a vida,
E vem-lhe a seiva da terra

10
Quanta vez percorro o campo
Na escassez que me consome,
E volto desconsolada
Sem ter com quem mate a fome.

Rosa

Haja embora mil tropeços,
Em se a sorte ao insecto acarreta,
Contudo, o ditado suprema,
Quizera ser borboleta
Dos prados a bulicosa!

Borboleta

Pois eu quizera ser rosa!

- Niteroy -

Invocação

Oh! Musa! deixa a tristeza,
Um canto ao poeta inspira,
Faz vibrar a natureza
Ao doce acorde da lyra.

Já vai longo o teu descanso,
Esbra essa mudez atroz,
Dá que minha alma ao balauço
Reviva de tua voz.

Quando o teu verbo eu escuto
Nas horas de calma e scisma,
Minha alma, que está de luto,
Nê tudo por outro prisma:

A lua é linda galera
A boiar num mar em somno,
O verão é primavera,
O inverno resto de outono.

14
A brisa um sopro suave,
O ovalho pranto do céu,
O barco uma pena de ave
Que vai das ondas ao céu.

O robusto retinca umbella,
O mar planície de armento,
A estrela meiga donzella,
A sorrir do firmamento.

O dia um leve sorriso
Que apenas ao lábio aflora,
Todo o mundo um paraíso,
A tarde, filha d'aurora.

A vida não tem escarpas,
Plains de rosas e arminhos,
Onde vibra o som das harpas
E o canto dos passarinhos.

O sol um vivo brilhante
Em fulge no azul sem fim,
A morte um pouso de instante
E o homem um cheirinho.

* * *
Se um pesar teu peito enluta
Oh! Usa em que tanto scismos,
Ouve o meu pedido, escuta
O que diz um aforismo;

Que a tua dor esvae-se, moire,
Ou te acarreta algum bem:
"Pois é feliz quem concorre
"P'ra felicidade de alguém!"

critéroy-1-9-922.

supra 3

Na estações de Campos
Eu vi-a. O rosto num lençinho branco
De cambraia, em solucos, occultava
Indifferente a multidão passava,
Sem dos labios o sorriso franco.

Um sorriso, ou outro um olhar do banco,
Quê a infeliz o pranto extravasava
Fervoso e frio a quella dôr lançava,
De um coração no derradeiro anaco.

O apito sôa da locomotiva...
Abraços... beijos... algum poucho morto.
E o trem a marcha a pouco e pouco activa.

A curtos os olhos à infeliz transporto.
Há-a tão triste que gemei: mais viva
É a magna que se curte sem conforto.

2-10-922

Historia ao luar.

As meu bom tio Alfredo.

A lua, branco cicio, de tristeza,
Pallida e fria,
Derrama sobre a calva natureza
Profundos laivos de melancolia.

A brisa aflora, de leve,
As bastas cabelleiras
Das floridas mangueiras
Que têm as luar colorações de neve.

Lá, em baixo, a agua chora é ^{brenha} indifferente
Lagrimas de amargura
Contra a mi da azevha,
Em inelmente a Fortuna.

Da veluta fazenda, á varanda, ardentada
A meimada impaciente fica

Bela demora prolongada
Da tia Chica.

Tia Chica era uma velhinha,
Da petizada verdadeira glória,
Tive conhecida toda história
Da baratinha.

A boa velha chega.

Há um rebolico, busca este uma posição
Conmoda. Aquelle esforço emprega
Para afastar o somno e prestar attenção.
E tudo prompto,
A velha então começa o conto:

"Era uma vez... um rei...
A historia da princeza de agalona
É a que desejo ouvir, reclama o João.
Lezido não abona
A eleição,

Moas é vencido.
 O seu partido
 Era o mais fraco e teve que ceder.

Começa a narradora a lembrar
 As folhas da memória
 E toda se abandona
 À singular história
 Da senhora princesa Magalona.

"Era uma vez... uma princesa...
 No soalho da varanda o luar bate em cheio
 A história ao meio suspende a narradora.
 É qui se lembrava agora
 Da infancia desuadosa
 Em que ella também anciosa
 Por esses pequeninos nada
 Sentava-se alli mesmo a ouvir
 As histórias das fadas

É a luz do luar
 Que nos faces a brisa affectuosamente
 A meimada vis distinctamente
 Della nos olhos uma lagrima brilhar

"Tia Chica, porque choras?"

"Que dor teu peito invade?"

"Qual é a causa da grande magoa tua?"

A' uma perguntarain todos.

É ella a encangar os olhos, suspirando:

"É a saudade ..."

"É a lua ..."

5-10-922.

Xileroi

Roteiro de uma alma

I Ambula!

Quasi desfallecido da jornada
 Sentei chorando à beira do caminho,
 Andavam no ar uns tons de rosmaninho
 Pincelava o céu de buro a madrugada.

Na tela da memória já cansada
 Revi a vida outrora de carinho.
 Berço! Infância! De novo, allí, sosinho,
 Como era bello ver-te retratada!

Foi um instante de socego e calma.
 Mas eu, que em mim encarcerada a alma
 Trago de Ahavero bem fronteira à minha,

sem ter ao ocio um só momento entregue,
 Ouvi a voz que sempre escuto: segue!
 E o mundo em côro conclamar: caminha!

II

Só eu não acho um byreneu piedoso
 Que me ajude a levar o meu madeiro,
 A cujo peso vergo o corpo inteiro
 E vou ganhando como um cão tímido.

Oh! quem me dera um porto bonancoso
 Nas trevas divisa do meu roteiro!
 Oh! quem me dera a calma de um mosteiro
 Onde encontrasse ao meu sofrer repouso!

Mas ouço em tudo este convite eterno:
 "Eia! caminha, vigora, que o inferno
 "Será teu leito de judeu errante!"

A coma ao vento, a planta ensanguentada,
 O suor na fronte, e veste esfarrapada,
 Vou proseguindo em meu caminho adiante

III

E vou subindo a encosta da montanha...
 Perpassa em tudo um halo divino,
 Só eu, curvado ao peso do destino
 Não participo da alegria estranha

De repousar a cruz que me acompanha,
 É que carrego quasi de meirinho.
 Nem Deus que sempre escuta o peregrino
 Mostra aos meus rogos paternal entranha!

Da minha bocca se me escapa um grito,
 Vivo de dor de outro Cain proscripto,
 Que nem conhece o novo itinerario...

E da treva que os genios maos esconde
 Uma voz cavernosa me responde:
 "Não acharás na terra o teu Calvario."

IV

O rudo servo tem o humilde Tecto,
 Onde descanse no final do dia,
 A passarada a basta ramaria
 De uma palmeira ou de algum velho abeto.

A borboleta, como o vil insecto,
 Seguro abrigo tem contra a invernica;
 Num seu covil a fera mais bravia
 Para occultar-se aos olhos do indiscreto.

Só eu não tenho, em minha eterna noite,
 Uma sombra sequer onde me acoste,
 Da ventania aos rabidos destroços...

E o meu destino cada vez mais feroz
 Faz que caminhe sempre como Ahasvero,
 Até que fique num cadaver de ossos.

V

Anos, mais anos, nesse cahos medonho
 Abarchei sem esperança e sem conforto.
 Nem uma luz que me indicasse um porto,
 Onde gozasse de ventura um sonho!

Nem uma estrella que um porvir risoubo
 Me indicitasse num longinquo porto!
 Em tudo a Treva, esse tremendo aborto,
 A circumdar o meu olhar tristonho.

Quanta vez, quanta vez, nas noites mudas,
 Busquei a morte como um outro Judas
 E repellido fui da sua estrada!...

Eis que, porém, no céu um dia avisto
 A sacrosancta cruz de Jesus Christo,
 Onde descanso eu fim da caminhada.

Niterói - abril de 1923

O camponez

Oh! que vida alegre!
 Não ha melhor talvez,
 Leva o camponez
 Sempre a trabalhar;
 A tristeza, ás vezes,
 Fere-o a contragosto,
 Mas não franze o rosto,
 Nem lhe embota o olhar.

No Terreiro, á noite,
 Que o luar proteia,
 Faz a fugal ceia -
 Do fogo ao calor;
 Bege na viola,
 Tempera a garganta,
 Suspirando canta
 Uma arietta de amor.

Revolve o passado

Tivo na memoria
Renova uma historia
Que é um romance inteiro,
Um soluço o abafa,
Quanta dor lhe invade!
Chora de saudade
Seu amor primeiro.

A cantiga triste,
De uma unção divina,
Morre na colina
De verde leucol,
Longe um gallo cantã,
Que tristeza a sua,
Crendo ser a lua
O disco do sol.

Quando chega o sono,
Que a visão lhe empana,
Procura a choupana.

O pobre Trovador,
Nunca do remorso
Nem o olhar disforme
E, por isso, dorme
Na paz do Senhor.

Quando no oriente
Nem surgindo a aurora,
Há quibus uma hora,
Que já está de pé;
Oh! que maravilha
De causar espanto:
Escutar-lhe o canto
No cito de café!

Riteroi, 4-923

Mimi.

A Mimi é uma menina
De gênio como ninguém;
Por isso, todos, em casa,
Não lhe querem muito bem.

Mas o que talvez não saibam,
É que tem bom coração;
Após uma arte a Jesus
Vai logo pedir perdão

Em contrição, tão perfeita,
De joelhos põe-se a orar;
E, embora Jesus não queira,
Tem sempre de perdoar.

Niterói, 4-923

A cega

Nunca vira de luz um raio rutilando,
Reinava a noite escura em torno de seus olhos,
No cenário do mundo os humbraes penetrando,
L'uzes encontrou por sob os pés, e alerolhos.

Agora ia ser mãe, que alegria sem par
Andava lhe no rosto e nos olhos sem brilho!
Pois não ha dita maior para a mãe que estreitar
Um ente contra o peito e lhe chamar seu filho

Foi um astro de luz nas sombras do futuro,
Que lhe esperava tuvo ao fim da caminhada,
A fonte que surgiu no seu deserto escuro
Para lavar-lhe os pés da poeira da estrada.

Dizei vos que pois mães, qual a amargura vossa
Si não pudesseis ver o filho que nutris?!
&, por isso, talvez, que uma surpresa possa
Causar-vos si disser que a cega era feliz.

Era-lhe a vida um mar sem ventos nem procellas,
 Uma planicie azul sem rochas nem anfracts.
 Tinha para saber do filho as formas bellas
 Um coração materno e as subtilidades do tacto.

Julgava ter o infante a perfeição dos traços,
 Tudo o que de mais bello a mente possa vir.
 Que ditosa rainha ao embaldar nos braços,
 Cantando uma canção para o fazer dormir!

Andava bem doente a pobre da creança...
 Um dia veio a morte e a levou afinal,
 Não a deixava a mãe na dulcíssima esperança
 De que ella ainda vivia e já cheirava mal.

Ambararam-lhe o corpinho em postas já desfeito,
 Tizeram-lhe depois de uma boneca a esmiola;
 Com extremos sublis chegava-a contra o peito,
 Pensando que era o filho a boneca de miola.

30
Deixae vós que passaes, deixae por caridade,
Que ella a baloíce ao collo, ao som de uma canção,
As vezes, é melhor, que a crua realidade,
O cadaver já roto e o pó de uma illusão.

Riteroi, 22-4-923

Metamorphose

Dia-se ver-lhe o rosto alegre, satisfeito,
 Com que encarava o céu, ermo de magua e dores!
 Sem um cardo abrochava entre as miúdas flores,
 Que de flores somente era-lhe o mundo feito!

Surgiu-lhe da existencia um ser no curso estreito,
 Tão rastos a lhe realçar da vida as bellas cores.
 Si o filho estremecia aos mais leves rumores
 Lá ia anciosa a mãe aconchegal-o ao peito.

Do somno natural a pobre creancinha,
 Como abandora o ninho a garrula andorinha,
 Assim abandonou o vaso em que se apouca

Da alma a sublime essencia. E quando, em arrepios,
 A infeliz presentiu do filho os membros frios,
 Soltou uma gargalhada estridula de louca.

II

Baixou-lhe sobre a fonte o véo da noite escura,
 Ruin o castello azul da sua alacridade...
 O pensamento furoso a querer liberdade
 Abaixo tempo lutou na propria sepultura.

Por fim tambem sem forca. E o verme da loucura
 A transmutar o dia em negra escuridade,
 Decepo um por um da sua miscidade
 Os pontos e atirou-a ás ruas da amargura.

Todo o mundo que a vê e que a apupa e a maldiz
 Nem de longe sequer reflecte que a infeliz
 Entre o lixo viveu e dos salões no brilho...

E como um cão que sempre anda a ladrar a luir
 Assim perpiscava a louca a perguntar na rua
 Si vivam porventura o seu pequenos filhos

ritoron - 4-5-923

O mar

1
 Atuma lucta tremenda as ondas contra a praia
 Atiram-se oucis em phreneris de loucas;
 Aos solavancos, passa, ao longe, uma catroia,
 A musica feral das fortes brisas roucas.

2
 É a furia do oceano, a mesma furia antiga
 Do revolto galé que sente a solidão
 Da cadeia que o prende e na raiva, que o instiga,
 Atira-se espumando ás grades da prisão.

3
 A terra que lhe sabe o pulso e a força bruta
 De o combater conhece o recurso efficaz;
 Impavida se adextra e prompta para a lucta,
 Oppõe-lhe o ferreo peito e impelle-o para traz.

4
 É o fero encarcerado em lancivantes ais,
 Repellido da praia, affrontado se apunha,
 E investe-a novamente em convulsões lethaes,
 Depondo-lhe na face um turbilhão de espuma.

5

É o combate incessante e a guerra continua,
 Há rasgos de heroísmo em cada combatente,
 Aos abismos sem fim em estertor recua
 De novo o mar vencido e avança novamente.

(Também, ó velho mar, quizeras em pó derfeito)
 Este carcere ver, em que minha alma é presa,
 Rasgar com minhas mãos as cavernas do peito
 E levar para o céu a prisioneira illesa!

Niterói - 6-5-1923

6

Também, ó velho mar, a igual luta desvaino,
 É o ar rã que me fatigo - a luta deletéria -
 O espírito se imerge e com a furia do rã
 Arremessa-se contra as praias da matéria.

7

Vindere (quem me dera!) um dia em pó derfeito
 (Continua acima) →→ *

x

No humulo de uma creança.

Do me, repousa creança,
Da lida ao pallido vés;
Si teu corpo aqui descansa,
Tua alma vive no cés.

Deus que deseja o carinho
De todo o ser que criou,
Com certeza, de um anjinho
Sentir falta e o arrebatou.

E agora que a eterna vista
Goza das mansões sideraes,
Roga a Deus que nos assista
Neste valle de miserias.

Do seio de Deus no aylo,
Noutra vida que stão mente,
Repousa, dorme tranquillo
O teu sonno de innocente.

Donne, repousa criança,
Da lua as pallido vés,
Si teu corpo aqui decaanca,
Tua alma vive no céo

Atiteroi, 7-5-923

A' janella

È alta noite. No espaço
Naga a lua docemente,
Estreitando em longo abraço
A natureza dormente.

A ave dorme no galho
Que de leve agita a aragem,
Quem-se as gottas de orvalho
A cahir sobre a folhagem.

Por tudo um silencio enorme:
Na terra, no mar, nos céos;
Parece que o mundo dorme
Nos plenos braços de Deus.

Da janella em que se evola
Meu sonho que o peito abriga,
Gemendo sobre a viola
Quo os sons de uma cantiga.

Debalde procuro a causa:
A viola e o trovador.
Agora uma leve pausa,
Não ouço mais o cantor.

De novo, o silêncio mudo
As cousas amortalhou,
Inquirio, investigo em tudo
Quem foi o que assim cantou.

As viduacas fecho a esmo
No poema que me extenua,
Pensando comigo mesmo,
Com certeza, foi a lua.

Atileroi - 12-5-923

Campo! Campo!

x x

Campina verde. Sol já posto.

Em cada ninho um idyllio...

Sinto no rosto,

Como sentiu Virgílio,

Sob um céu escampo

O ar puro do campo.

Que ditã sem par!

Oh! sonho de criança!

Uma lembrança... após outra lembrança

começo a reavivar

Alli a vida de rapaz tão lindo!

E adormeço correndo

A dubia luz do luar.

x x x

Si fosse um pagão e cresse no deserto
Acharia a razão
Para explicar porque desde pequenos
Eu amo a solidão

A solidão por mim compreendida
Não é a selva muda e silenciosa,
Onde não haja nem um som de vida
Nem a rubra corolla de uma rosa

Ano-a quando cheia de estridores,
De passaros em festa,
Pois toda a belleza da floresta
E todo o seu encanto
Provem do canto
Dos passaros, e das flores.

x . x . x

A solidão que anno
Não retumba ao malho,
Do homem. Mas em cada ramo
Há, cantando, um passarinho
Sobre o tenue galho
Aonde baloica o ninho,
E que a brisa velez
Ao passar
Lêsa com esta voz a sua propria voz
E vai soletrar
Pelos caminhos

A musica dos ninhos.

Deitado sobre a neve da campina,
 Horas inteiras pauso a contemplar
 Um bando de azas que sobre a collina
 Lá vai sumindo ao meu cansado olhar.

Ou rigo ufano a nuvem que se espuma
 E se adelgaca,
 Como um ganso que por entre a bruma
 Esvoaça, esvoaça.

A fonte que borbulha e chora
 E corre em veis angusto
 Canta ao pé do arbusto
 Uma canção sonora.
 Em multidões, inquietas,
 Pedir á cada flor
 Lá vão as borboletas
 Um obulo de amor.

x x x

Ao silencio tenho o meu ouvido affeito,
 Longe dos homens e commigo só,
 Parece até que ando a abrigar no peito
 A alma de um moitibo.

x x x

x x x
É só quando nos campos,
Já quasi escuro,
Bailando no ar diviso os pyrilampus,
Deu-las procuro.

x x x
Da cidade o torvelim me enoja,
Falta-me o ar,
Foge-me o somno,
Gosto de ver o fructo quando apoja
É quando a olhar
A terra desce o Outomno.
A vida então recresce
No seio da matta
Santa a cascata
É aos raios do luar tudo parece
Um estendal de prata.

Por que esta ansia indefinida,
Esta attachão,
Que sinto pela vida
Da solidão?

x x x

É a mesma attachão que a todo ser domina
É um forte anel o ata
A sorte que ha de arastar;
É a mesma providencia que destina
A fera a inculta matta,
Aos passaros o ar.

x x x

Nasci para viver no meio de um deserto,
Dos ermos no mysterio,
Longe do humano ser, porém de Deus bem perto,
Como o eremita em seu eremiterio,
Tendo no cés por vélas
As pallidas estrellas
E sobre a cabeça o firmamento aberto.

Si fosse um pagão e crese no destino,
Acharia a razão,
Para explicar porque desde menino
Eu amo a solidão.

Esperança.

Nas azas da phantasia,
Louca que aos astros lança,
Achei-me ao portal, um dia,
Do castello da Esperança.

O verde alli se ostentava
Em tudo o que via o olhar;
O tecto o verde espelhava,
Era o soalho verde-mar.

Verde o salão, verdes Telas,
Verdes moveis medievales,
Verdes portas e janelas,
Era verde tudo o mais.

Da cor verde Toda a escala
Reluzia em petestrello,
Verde escuro, verde opala,
Verde saphira e amarelllo.

A fada que alenta a vida
 E só deixa os mortaes no mesmo
 Final, de verde vestida,
 Sentava-se em verde throno.

Pedi-lhe, mas foi em vão,
 A realidade que buscava,
 E a fada avessa á oracão,
 Só esperanças me dava.

Em cambiantes miragens,
 -Do sonhador cruel lei!
 Não as perfectas imagens
 Das illusões que sonhei.

Queimeei hostia em holocausto
 Ao nume surdo, mas bello,
 Até que afinal exausto
 Lhe abandonei o castello.

Prazer

Fui a um Templo referto
 De gemmas, flores e mus,
 Um pequeno paraíso
 Aberto.

Acossou a porta de ouro
 (a qual eu fora bater)
 O dono, um meiuo lauro
 — Prazer...

Acolheu-me com alegria
 E os portaes lhe penetrei,
 De tanto gozo, eis que um dia
 Causei.

Como estranho possa a alguém
 Parecer quem tal afiança,
 Digo que o prazer tambem
 Causa.

As pombas

(Parodia)

Não se a primeira pomba despertada...
 Não se outra mais... mais outra... enfim dezenas
 De pombas vão-se dos pombas, apenas
 Pintela o céu de ouro a madrugada.

É à tarde quando a rispida mortada
 Affla, aos pombas, de novo, ellas, serenas,
 Batendo as ajas, sacudindo as pennas,
 Voltam todas, revoadas, em debandada.

Também da cigareira se me escoram
 Cigarros, que um por um celeres voam,
 Como voam as pombas dos pombas;

Em espiraes de fumo o vôo voltam
 Fogem... Mas aos pombas as pombas voltam
 É a cigareira elles não voltam mais.

Niterói, 18-8-923.

Contraste

(Paródia)

Quando partimos na sação das flores,
Da vida pela estrada reluzente,
Nã vão connosco, em revoadas, à frente
As rabujices, mas os bons humores.

Olhando o mundo um estudal de cores
Bellas, marchamos descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente
Mudando as illusões em cruas dores.

Então é que conhece bem a gente
Como a existencia é rapida e falaz
E vemos que succede exactamente.

O contrario dos tempos de rapaz.
As rabujices vão connosco à frente
E os bons humores vão ficando atraz.

X O filhoteinho
Ao ^{meu} Sr. Couredo

« Fica, filhinho, que a invernada é brava,
« Ulna, forte, lá por fora, o vento,
« Proximo o rio o litoral escava,
« A neve desce em seu cortejo lento.

Faes palavras ao filho a mãe dizia,
Com a auctoridade de seus longos annos,
Como velha sagaz que conhecia
As illusões do mundo e os desenganos.

Mal num vôo ligeiro a mãe se esgueira
Do ninho a borda o filhoteinho alcança
Contempla alegre pela vez primeira
Da natureza a singular profanção

Campos divisa e nuvens no horizonte,
Serros, um mundo a apparecer do abismo,
Que tinha para o seu olhar de insonte

A letal atração do magnetismo.

Sacode as penas, penas cor de arminho,
O desejo de voar a revigora,
As azas bate, abandonando o ninho,
E vai voando pelo espaço em fôra.

Pousa num ramo tenue e balouçante,
Que ao peso seu se recurvou macio,
Em baixo a molle de um leucol gigante
Abria extenso e caudaloso rio.

Abre o biquinho e uma canção sonora
Sae-lhe do peito, cheia de calor,
O ramo ainda essa canção memoria
Como um legado do infantil cantor.

Depois ao ninho desejou voltar,
Mas tinha as azas rigidadas de frio,
Um vão esforço e lá se foi tombar

Nas águas turvas do revoltoso rio.

Como o galé retido na prisão,
Tentou debalde a luta contra as fragoras,
Subiu à tona e quis voar. Em vão.
Sumiu-se após no tónel das águas

Niterói - 1923 -

Meu relógio

Relógio que andas defeito,
Sempre na mesma canção,
Parece que tens no peito
Latejando um coração.

Mas que ingrato que tu és,
Quando na dor me atormento...
Julgo até que não tens pés,
Pois tu caminhas tão lento...

Nos momentos de prazer,
Com que pressa não te abrasas!
Não-se as horas a correr...
Parece até que tens asas.

Relógio que andas a jeito
De um automato que fala,
Ouço que tens no teu peito
Um coração que badala.

Coração? Oh! que ironia!
Coração era pedra achar!...
Si o tivesse, juraria,
Que nas horas de alegria
Lento havia de mudar.

Niterói - 1923 -

Magnas

Na reliquias sómente acho conforto
A' dor atroz que o peito me lacera;
Só nella encontro o bonançoso porto,
Que alento e força nos meus membros gera.

Busquei de balde ~~os~~ festins no meio
Sentir a dor que no meu peito habita,
Mas viva a chaga me sangrou no meio
Senti mais forte o peso da desdita.

É esta chaga que a todo o olhar vedada,
Ao mundo trago e a toda creatura,
Só no sepulchro vel-a-ei curada
Na fria calma de uma sepultura

Nem o consolo posso achar no pranto,
Pois devo apparentar um rosto enxerto;
Nos labios riso e na palavra encanto,
Embora tenha o coração de lucto.

Que duro fado! Que mesquinha sorte!
 Ter o rosto por mascara velada!
 Oh! se os olhos baixes sobre mim a morte,
 Que as esquecimentos me reduza e ao nada.

Aben Deus! piedade! para o navio exhausto
 Que a tumba encontra em bonasceso mar;
 Aben Deus! socorro! a quem o fado infante
 Nem dá mais forças p'ra poder lutar.

Envia, Senhor, quem me sustente o lenho
 Não Cyrenen no meu caminho vario;
 Que eu já tropeço, nem mais forças tenho
 Para chegar ao cimo do Calvario.

Contraste (Parodia)

Quando partimos no vigor da idade,
Da vida pela estrada florescente,
Não vai conosco o reumatismo à frente,
Mas cede o seu lugar à agilidade.

Rindo e cantando em franca placridade,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente
E muda as ilusões em realidade.

Então é que conhece bem a gente
Como a existência é rápida e folly,
E vemos que sucede exactamente

O contrario dos tempos de rapaz;
O reumatismo vai conosco à frente
E a agilidade vai ficando atrás.

Niterói - 1923 -

O preguiçoso
(Monólogo)

A preguiça é vício feio,
Diz-me papae com razão;
O ocioso cae de enleio
Nas grades de uma prisão,
Ou expira por seu mal
Na enxerga de um hospital.

É verdade o que alguns diz,
Nem faço contestação,
Mas que só vive feliz
Quem trabalha, isso é que não.
Pois ha muita gente boa
Que vive feliz lá Tã.

Nou com franqueza contar
Qual a minha vocação,
Não mais para estudar,
Nem para o campo ou balcão;
A vida a que me dedica

É tornar-me no ocio rico.

Reza a Historia Universal,
No ponto em que ella se expande
Das cruas guerras do grande
Napoleão, immortal,
Que, após esforço tão nobre,
Morreu como morre um pobre.

Digam-me agora, senhores,
Si não é justo o conceito:
Para soffrer os horrores
De trabalhar sem proveito,
É melhor ficar à toa
Enquanto o dia se escôa.

Demais, embora vadio,
Tenho cá minha mania,
De tirar breve confio
A sorte na loteria,

E, por isso, vivo ao léu,
Esperando os dons do céu.

Cumpram todos sua sina,
Nem se inquietem com o porvir,
Pois o que Deus nos destina,
Nas nossas mãos ha de vir.
Portanto, descansai ao malho;
Nada de esforços ou Trabalho.

Niterói - 1923 -

Desillusão.

O mundo que sonhei, que tanto me alentava
A o galarim da glória em triumphos galgar,
Nas minhas illusões de menino, julgava
Um prumo em cada ramo, um voto em cada altar.

Cheio da angusta creença e fé que não fragueia,
Sonhava que era a vida um paraizo aberto,
Mas ao primeiro passo a comburente areia
Deu-me a triste impressões de marchar num deserto.

É o prazer que sonhei e os gozos que pensava,
Astros num céu azul, campos cheios de flores,
Não os acho no mundo e a vida que buscava
Não é esta em que vivo, onde somente ha dores.

De cada flôr no seio ha insectos damminhos,
Revoam sobre a terra os males, em cohorte,
Ha fagoas e alcantis no leito dos caminhos,
Da vida no festim, se banqueteia a morte.

Niterói - 20-9-223

Soror Therezinha

Pela janelle aberta entra um nimbo de luz,
 Em da cella a tristeza e as sombras amenuza,
 Sobre o duro encergão calmamente agoniza
 A esposa angelical do menino Jesus.

Tem feto o aneigo olhar num ponto que o seduz,
 Como a agulha fiel que o norte magnetiza,
 E que refulge alli, sobre a parede lisa,
 O Christo Redemptor nos braços de uma cruz.

Tem pressa de acabar, que já o noivo a espera,
 A alma Chêtheresabricha, em plena primavera,
 Padeca o corpo, embora, as mais cruciantes dores;

Dos olhos ao redor a neva se lhe espessa,
 De novo, lenta, em vão, repetiu a promessa
 De enviar sobre a Terra um chuveiro de flores.

Niterói 20-9-923

Os ceguinhos

Lá estavam na Avenida os miseros ceguinhos
A tocar... a tocar para atrahir a simola...
Dos olhos, quanta vez! pelas faces lhes rola
A lagrima da dor de todos os ceguinhos.

E freuve a multidão, em seus varios caminhos,
Sem um rosto se volta, um labio se descola,
Para os olhos lancar e a prece que consola,
A' maquina sem equal dos miseros ceguinhos...

E já a decima vez que o mesmo toque vibra,
E aquella valsa triste, o corpo fibra a fibra,
Vejo-os estremeecer, em misticos languores...

Porce até que a voz da orchestra em si resume
Gritos de imprecacão e brados de queixume,
A voz universal de todas as suas dores.

ct:teroi, 21-9-923

O cygne

Como um floco de espuma a boiar sobre o lago,
De uma candura tal que a pena não descreve,
O bico para traz, entre as azas de neve,
Scisma o cygne talvez em algum sonho vago.

Dorme toda a manhã, na quietação de um mago,
Que á vida se mostrar indifferente deve,
E só quando o sol fulge e corre a brisa, leve,
Abre as azas e vai a percorrer o lago.

Hoja muito vive só. Aboneu-lhe a companhia
Num dia de verão e foi a vez primeira
Em se vir solitario e triste e desgraçado...

Por isso espera o sol, meditativo e crente,
E quando se lhe espelha a imagem n'agua, sente
O prazer de gozal-a a nadar ao seu lado.

Niterói, - 1923

O cygne

(imperfeito)

Como um floco de espuma a boiar sobre o lago,
 Alvo, de candidiez tal que se não describe,
 O bico para traz, entre as azas de neve,
 Leisna o cygne talvez com algum sonho vago.

Domne toda a manhã, na quietação de um mago
 Que á vida se mostrar indifferente deve,
 E só quando o sol fulge e corre a brisa, leve,
 Abre as azas e vai a percorrer o lago.

Hoja muito vive só. Aboueu-lhe a companhia
 Num dia de verão e foi a vez primeira
 Que se viu solitario e triste e desgraçado...

Por isso espera o sol, meditativo e crente,
 E n'agua a propria sombra ao reflectir-se, sente
 O prazer de gozal-a a nadar ao seu lado.

Niteroi, 22-9-1923

O canarinho

Passou o inverno todo prisioneiro
 Numa gaiola que do muro pende,
 Mas do vento, hoje, a colera se accende
 E dá com ella em baixo no terreiro.

Por uma fresta que se abriu, ligeiro,
 De novo os ares com as azas fende,
 A canarinha procurar empuchende
 E vai pousar no cimo de um coqueiro.

Foi, bem se lembra, sob aquellas palmas,
 Que se ligavam suas brancas almas
 E onde perigiram com Aermura o nunho...

Alonga a vista que sua dor retrata,
 Pois avistara, lá, bem longe, a ingrata
 Cantando ao lado de outro canarinho

Ser aquia!

Ser aquia! Ultrapassar do mundo os negros traços,
 Abilito acima voar do torvelinho humano;
 Frente a frente encarar o sol pelos espaços,
 E ver a terra um ponto e uma gotta o oceano!

Ser aquia! Resvalar pela amplidão afóra,
 O templo penetrar das rutilas chimeiras;
 Ser aquia! Azas bater para, ao surgir da aurora,
 Perto a musica ouvir do gyro das esferas!

Ser aquia! Desprezar a colera dos ventos,
 Como um rei no seu throno os ares dominar;
 As regiões percorrer que, só em pensamentos,
 Ao homem — vil escravo — é dado visitar!

Ser aquia! Estremecer de sensações estranhas,
 Na fria quietação de um silencio profundo;
 Ser aquia! Os pés pousar no cume das montanhas,
 E olhar indifferente a pequenez do mundo!

69
Ser aquia! Perquerir desconhecidas zonas,
E o mundo procurar antes que a lua saia;
O bico humedecer, de manhã, no Amazonas,
E à tarde repousar nos cumos do Himalaya!

Ser aquia! Acima voar das nuvens pardacentas,
Onde o homem tenta lèr, verme que anda de rastros,
Minha historia contar às estrellas attentas,
E conversar com o sol e dialogar com os astros!

Ser aquia! Emfim fuir do ar que a lei nos veda,
E quando já cansado, um dia, de voar,
As azas escolher e ir de queda em queda,
Nas rochas e alcantis o corpo esfacellar!

Niteroi 9-923

O corvo

O negro porte piscavativo e frio
Avulta o corvo do quintal na cerca;
As vezes desce e a podridão, que esterca
O solo, vira com seu ar sombrio.

De horror e nojo sinto um calefrio,
Quando o diabo do quintal na cerca,
Moas si elle vôa, sem que no ar o perca,
Alegre siga-lhe o seu vulto esquis.

Quando comparo tua sorte á minha
Nã dôr cruel que o peito me experimha,
És mais feliz do que eu, ó corvo imundo...

Si tormentos a terra te deparara,
Tens aos teus flancos duas azas para
Sulcar os ares e fugir do mundo.

Natal!

Da caminhada innumeusa desse dia
 Os corpos lassos os esposos têm,
 Para acolhel-os, em Jerusalém,
 Nem uma porta hospitalar se abria.

Não demandando o rumo de Bethlém,
 Mas desce a noite tenebrosa e fria...
 Um astro buscam de annuaes que havia,
 E allí, ao mundo Jesus Christo vem.

Descem dos montes os zagaes, cantando,
 Que os despertara um astro, rutilando,
 Pelas encostas, em caudal de luz...

José se inclina e o Deus Menino adora,
 Maria o abraça embevecida e fóra
 Cantam os anjos que nasceu Jesus.

A cigarra

Ocultta sob as frondes da mangueira
De um horto ameno que me fica ao lado,
Abal vem o estio, já seu negro fado
Geme a cigarra quai a tarde inteira.

A' sua voz de velha cantadeira
Hoá muito tempo o ouvido acostumado,
E si ella pára, vou, sobresaltado,
A perguntar-lhe a causa verdadeira

Expira a tarde sem que lhe ouça o canto,
Dos olhos tristes já me desce o pranto,
Indago os raios pelo azul dispersos.

Bem deitadinha, sobre a Terra, vi-a,
Toda encolhida, inanimada e fria:
Aboreu cantando os derradeiros versos.

Niterói, 28-9-929

43 13
73
X

Minha mãe

Nã superficie de seus olhos baços
Toda a candura de outros tempos mora;
É a mesma santa que, no collo, outrora,
Tão doce e quente apertava os braços.

Do Tempo a marcha, em vigorosos traços,
Sua louca trança de marfim colóra;
Curva-lhe o dorso levemente, e agora
Tambem lhe causa dores e cansaços.

Tendo-a, tenho, feliz, o que desejo,
Pois, nos seus olhos, meu futuro vejo,
Como atravez do mais delgado véo...

Assim velhinha mesmo se revela
Tão meiga e boa para mim, que, nella,
Penso estar vendo minha mãe do céu.

Niterói, 1-10-923

+ O olhar de minha mãe.

Si todo o ouro que o rei brésco tinha
A fortuna maior que se juntara —
Dado me fosse em troca... eu não trocára
Por um olhar de minha mãe velhinha.

Si me disera o sol: a aureola minha,
Moço immenso poder eu te offertára,
Si me desses em troca... eu não trocára
Por um olhar de minha mãe velhinha.

Si o grande mar o que em seu cofre aninha,
Desde o coral si perola mais rara,
Abre offercesse em troca... eu não trocára
Por um olhar de minha mãe velhinha.

Tenho a riqueza que o rei brésco tinha,
A luz do sol que a natureza aclára,
O coral fino e a perola mais rara,
Tudo, no olhar de minha mãe velhinha

Atteroi, 2-10-923

Conselhos paternos

"Filho, fortuna angaria não pude
 "E nem a vida em t'a alcançar poupei a;
 "Mas tens de beneans toda a alma cheia
 "E dos exemplos da mais sã virtude.

"Quando no meio da pelega rudes,
 "Não dês ouvido aos cantos da sersia;
 "Não fales nunca da existencia alheia,
 "Toma cuidado que a apparencia illude.

Que-lhe ainda a exhortação antiga,
 A voz pausada, carinhosa e amiga,
 Como um som morto a pervagar no escuro...

Embora ausente sempre o tenho ao lado,
 Pois vou buscar no exemplo do passado
 O modelo a observar no meu futuro.

Niterói, 1-11-923

O palhaço (Parodia)

Hontem, viu-se-lhe a esposa quasi morta
De pancada e a filhinha tão doente!
Hoje um policia vai bater-lhe á porta,
Que o delegado o chama impaciente.

Á grade em breve surge... Pouco importa
O seu grande infortunio áquella gente...
E aos golpes do facão que os ares corta,
Salta, chora e soluça amargamente.

Do olhar inquiridor á negra fome,
Oculta o vicio enorme que o consume,
E o seu desejo mais se lhe epicaca...

No entanto, parte o povo zombeteiro...
E quando se vê só com o carcereiro,
Pede chorando um gole de cachaca.

Niterói - julho de 1924.

* Do autor da "Flor da maçã".

O sacerdote

Homenagem ao Excm. Sr. Bispo Diocesa-
no, por motivo da ordenação dos no-
vos presbyteros Antonio Martins de Sousa
e Joaquim Jacob Pinto.

Gozando de uma faz que o mundo não conhece,
No seu negro albornoz, vai demandando a rua;
Em torno o povilho gambeteiro o escarnece,
Elle, elle indifferente a marchar continua...

Sobe, em pouco, os degraus da igreja da cidade,
Dos labios se lhes escapa uma ardente oração,
Em que supplica a Deus que leque á humanidade
A graça sem equal do seu doce perdão.

Renovando a missão do meigo Nazareno,
Que á turba, que o maldiz, compassivo perdão,
O sacerdote sempre abre um sorriso aveluz
Aos multos da plebe, e a bendiz e a abençoia.

No catre do hospital agoniza um enfermo,
 Nas fortes contorsões de uma doença ruim;
 Em pranto vê-la o padre, e ao ver tocar ao termo
 Aquella alma, lhe dá a extrema-unção da paz.

Dos oleos ao contacto o doente se reanima,
 E senta-se no leito, em que a vida renasce,
 E na raiva cruel que a mente lhe domina,
 Do ministro de Deus escarra em plena face.

- Pouco importa, diz este, a injúria que me atira,
 Foi para o peccador que fez Deus o perdão —
 E o braço levantando, enquanto o doente expira,
 Sobre o corpo lhe traça a cruz da absolvição.

Recitada pelo autor na sessão de
 27 de Julho do anno de 1924.

Ave, Maria!

Ao Dr. Plácido de Mello.

Santa e sorri nas veigas perfumosas
 A primavera — a liberal poetiza;
 O sol, no occaso, pallido agoniza,
 Num camarim de gazas vaporosas.

A doce voz das aves melodiosas,
 Pelas encostas, festival deslisa;
 E o brando sopro de suave brisa
 Oscula os troncos e desfolha as rosas...

"Ave, Maria!" o velho bronze entra,
 No campanario, e esta sublime lã
 É o miserere do final do dia...

O titular no paco se descobre
 E "Ave, Maria!" tambem diz com o pobre
 E o eco alem responde — "Ave, Maria!"

Niterói - 15 - 8 - 1924

Quando eu crescer...
Um cavallinho bonito,
Bem marchador hei de ter,
Que seja forte e expedito,
Quando eu crescer...

Seu nome (o nome diz tudo!)
Desde já vou lhes dizer,
Hei de chamar-se "Atelludo",
Quando eu crescer...

Bem limpo sempre e tratado,
(Capim e milho a valer!)
Ficará gordo e rosado,
Quando eu crescer...

Nelle irei com majestade,
Todo dia ao entardecer,
Dar um garseio à cidade,
Quando eu crescer...

Na minha fulgente sella,
Sómente para me ver,
Tivão moscas á janella,
Quando eu crescer...

Entre côros de elgis,
Passarei sem me mexer,
Como um monarca de bris,
Quando eu crescer...

Julgar-me hão vendo as sendas
Da cidade percorrer,
Algun príncipe das lendas,
Quando eu crescer...

Á cocheira, um bello ninho,
Abando-o á noite recolher,
Depois de bem raspadinho,
Quando eu crescer...

Todos o Tempo o meu "Nelludo"
Verto de mim quero Ter,
Pois não mais veio os estudos,
Quando eu crescer...

Recitado pelo acadêmico Wilson Morei,
na sua sessão semi-coluna de 27
de Julho de 1924

A mariposa

Curto giro descreve a mariposa ousada,
 Em torno da candeia acesa que a reclama,
 E no ardor insensato, em que tanto se inflamma,
 Passa o corpo na luz, nem se sente abrasada.

Abais as curvas estranha, e mais anabatada
 Na vertigem do lume, em voltas se derrama;
 Um momento lhe queirra a reductora chama
 Suas asas de felto, e ella cai fulminada.

Amor, minha alma, agora ao que mais nos importa
 Abira-te no crystal da mariposa morta,
 Olha a immobibilidade em que a triste repousa...

Não sejas imprudente... Este exemplo te imprompto...
 Que se comes assim atrás de se teu sonho,
 Tu tambem cairás como essa mariposa.

84

Caminho da saudade.

A longa estrada que subi outrora,
Com passo leve e com firmeza rava,
É bem a mesma... (mas quem tal cuidava!)
Que vacillante vou descendo agora.

Quando subia, uma canção sonora
A' flor dos lábios meus desabrochava;
Hoje que o fel das provações me enfara,
Abriha alma triste, na descida, chora.

Foi nesta pedra (bem me lembro e quando)
A' luz do luar eu me quedei sonhando
As ilusões da minha mocidade...

É a mesma pedra, na velhice, autante,
Que me recolhe as perlas do pranto,
Deste pranto que choro de saudade...

At: Terri, 25-8-724

Minha avózinha

Em sua face, em que a ternura habita,
 Há sempre um riu meigo de bondade,
 E aos nossos olhos, apesar da idade,
 A sua face é meimmo assim bonita.

A meditar o espirito concita
 Daquelles olhos a serenidade...
 Todo o semblante angelical persuade
 Que não soffreu os golpes da desdita.

O seu mullinho, que anda já curvado,
 Dá-nos a idéa de que o seu passado
 Conistou de flores e corrios francos...

Alas de uma coisa non-me convencendo
 — Das suas dores — que me estão dizendo
 Os alvos fios de cabellos brancos.

Niterói 28-8-724

Sta. Isabel

Eu sei nunca se passava um dia,
 Que aos desgraçados não levase esmola,
 E do regaço, com prazer, fazia
 A compassiva e provida sacola.

Naquellas trevas, que só Deus consola,
 Ella era como um raio de alegria,
 O rei, porém, que descobria a maldade,
 Que da mulher o espirito movia,

Certa vez perguntou-lhe o que levava
 - Levo rosas...

A duvida lhe crava
 O coração de settas venenosas,

E o rei quer vê-las. d'os seus embaraços
 Nem Deus livrá-la, que, no seu regaço,
 A ceia muda num montão de rosas.

Niterói, 22-7-224

+ A caveira

Com essa gargalhada gombeteira,
Que parece mojar eternamente,
Que queres tu dizer, pobre demente,
Ó insensata e estúpida caveira?

Queres mostrar aos homens que é cegueira
A ambição, e que toda glória miente?
Ou por ventura doutrinar a gente
Que a vida passa em lepidá carreira?

Óse teu cranio (tal a perfeição!)
Penso que seja o cranio de Platão
Ou de qualquer helleno sabio enfim...

Ó tua accção não ha quem fique avesso
E, se te vejo, logo me entristeco,
Pois sei que um dia hei de ficar assim.

A. L. G. 31-8-924

O espelho

Hoje aqui venho conversar contigo,
O meu querido e sfortunado espelho,
Quir-te ainda mais algum conselho,
Porque és na Terra o meu melhor amigo.

Abandonei-te para meu castigo,
O meu querido e sfortunado espelho,
Mas a tua afeição já me apparelho,
Pois te procuro para meu abrigo.

Minha alma quer - inconsolável moirja,
Que está cansada de escutar liorija -
Que eu siga sempre na tua alma esteira.

Porque só tu minhas paixões subjugas,
Só tu me mostras as primeiras rugas,
Só tu me dizes a verdade inteira.

Kiteroi, 3-9-724

Epigrammas

A uns beicos

Quando vi Teus rocos beicos
Tão grande o meu sueto foi,
Que julguei serem Teus beicos,
Os gordos beicos de um boi.

A umas orelhas

As Tuas grandes orelhas
— Grosseiras como de solas —
Parecem, sem exaggero,
Duas amplas ventarolas

A uns pés

Da sola ás pontas dos pés
Nae uma distancia boa;
Para o transportar, garantido,
Será pouco uma canoa.

A um nariz
Nunca vi nariz maior,
Do grandes que vi, no sol;
Pois o nariz era tal,
Que tapava todo o sol.

A outro nariz
Nunca vi nariz tão sujo,
Tão grande, feio e tão mau,
Parece, bem comparando,
Um velho tronco de pau.

As F...
Solitario e taciturno,
Melancolico e casmurro,
Tem ares de ser letrado,
Mas todos dizem que é burro.

O meu corpo

O' corpo meu, meu barbaro Tyranno,
Os Teus impulsos bestiaes ambrida,
Nao me arrastes assim pela decida,
Nao sejas para mim tao deshuman!

Se o espirito sulcou outrora, ufano,
Comtigo, a estrada, que ao prazer convida,
Hoje deplora essa passada vida,
Com lagrimas de amargo desengano.

~~Nerdugo, meus, Teus impetos de terra...~~
E, se queres viver feliz na terra,
O bem procura, e a paz onde estiver...

Nao sejas tao cruel, tao malfazejo,
Nao me leves aonde nao desejo,
Busca somente o que minh' alma quer.

Lodo d'alma

Abreiga donzella, não sorrias tanto,
 Com põe as fibras da mimosa face,
 E considera que do riso nasce,
 Abreitas vezes, a perla do pranto.

Das aguas claras, o tranquillo manto,
 O curioso que sondar ousasse,
 Em baixos, o lodo, sob o vèo figace,
 Encontraria, tremulo de espanto.

Como o lodo que dorme sob as aguas,
 Assim no coação dormem as maguas,
 Sob os sorrisos que o prazer espalua...

Abreiga donzella, não sorrias tanto,
 Olha que fide sobrevir-te o pranto,
 Que é o lodo impuro do oceano d'alma.

5-5-925

x A avózinha

Na sua voz arrastada,
Relata a branca velhinha
Um lindo conto de fada
Do Livro da Carochinha.

Em redor, nos seus arseutos,
Os bons meninos estão,
Com os ouvidos attentos
As lauces da narração.

A lua adora a varanda...
Acima, uma aragem branda...
Geme ao longe um suspiro...

E mal a velha termina,
Supplica-lhe uma menina:
— "Conte mais outro, vovó!"

X O sincero

Do collega J. Nicodemus
 Fechado, no campandão
 De igreja soturna e triste,
 Como um monge solitário,
 Um velho sincero existe.

A tarde, se me afigura
 Que um prazey, lúcido o domina,
~~Que se estabelece se a...~~
 Enquanto o sino murmura
 No ar, a canção divina.

Nós, também, temos no peito,
 Oculto, um sino perfeito,
 De singular vibrações...

Tange-o sempre, o dia inteiro,
 — A verdade — que é o sincero
 Da Torre do coração.

5-10-925

Quadros

A lavadeira regressa,
Vermelha, a correr, do poço,
E logo as coisas começa
A preparar para o almoço.

A carne pica, e o legume
Em temperar-se devida,
E enquanto espicoca o lume,
Nãe remessendo a gandra.

Do portal, uma gallinha
Olha o interior da cozinha,
Sem que a avançar se decida...

E dentro, com desempeno,
Pede-lhe um filho pequeno:
— "Mãe, eu quero comida."

10-10-925

O rafeiro

Não fiel se mostra o meu rafeiro
 A acompanhar-me por onde eu caminho,
 Que muitas vez com elle me abespinho,
 E forças o a abandonar o meu roteiro.

Mas o meu indulgente companheiro
 Quando me descobre um gesto de carinho,
 Abana a cauda e alonga-me o focinho,
 E me acompanha como de primicinho.

Não se espante, leitor, do que lhe digo:
 O mundo não é mais do que um abrigo
 De cães humildes, este mundo inteiro...

Ha muita gente, nesta vida escassa,
 Soberba e altiva, que afinal não passa
 De um desbriado e miserio rafeiro.

Novembro - 1925

O meu canario

O meu canario, rustico e bisoulo,
Tantas vezes, mudo, fies a ouvir-o,
Que delle são os versos que burilo,
Delle são as estrophes que compoulo.

Delle é tambem o tedio que distillo,
Assassino cruel de tanto sombo,
É mais todo o poder de que dispoulo,
Que o seu estylo é o meu estylo.

Hai de enfeixar, num unico volume,
Os versos que aprendi pelo costume
De ouvir a este cantor tão desgraçado,

Para que um dia, morto o meu amigo,
Relendo-os, possa recordar conuigo
O seu passado que é o meu passado.

Novembro - 925

Meu rosario

Este rosario sempre me acompanha,
 Acompanha-me sempre pela vida,
 Outrora iluminando-me a subida
 Da alcantilada e ingrime montanha.

Hoje que deixo, a sua luz me banha,
 Banha-me o caminho na descida,
 E em toda a longa estrada percorrida
 Senti-lhe sempre a protecção estranha.

Hei de guardar, num lindo relicario,
 Todas as contas deste meu rosario,
 Depois de velhas, entre murchas flores,

Como lembranças das passadas crises,
 Porque essas contas são as cicatrizes
 Dos minhas maguas e das minhas dores.

o. Novembr. - 1925